

que me considerava um cérebro privilegiado, o que não era verdade. Foi quando eu me encontrava no interior do Estado, em casa de meus pais, na expectativa dos exames de segunda época, que recebemos a Fôlha Informativa de Isidoro. Senti imediatamente uma fé, uma confiança inexplicável nêle. Tive a certeza de que êle poderia ajudar-me.

Regressando a São Paulo, trouxe sempre durante os exames uma estampa do engenheiro Servo de Deus no meu bolso. E senti uma enorme alegria e tranqüilidade. Necessitava de 6,3 para passar em Termodinâmica, e meus colegas me aconselhavam a desistir, dado o rigor da banca examinadora. Confiei-me a Isidoro, apresentei-me e tive média de 8, a melhor nota na oral daquele ano. Por isso quis escrever aos senhores êste fato a fim de que Isidoro seja glorificado. Eu confio nêle sobremaneira e muitas mais coisas pequenas tendo conseguido. A.V. — São Paulo.

Egoísta! — Tu, sempre atrás das "tuas coisas". — Pareces incapaz de sentir a fraternidade de Cristo: nos outros, não vês irmãos; vês "degraus".

Pressinto o teu malôgro rotundo. — E, quando estiveres afundado, quererás que vivam contigo a caridade que agora não queres viver.

CAMINHO, Escrivá, n.º 31

*

ORAÇÃO PARA A DEVOÇÃO PRIVADA

Ó Deus, que enchestes o Vosso Servo Isidoro de tantos tesouros de graça no exercício dos seus deveres profissionais no meio do mundo: fazei que eu saiba também santificar o meu trabalho ordinário e ser apóstolo dos meus amigos e companheiros; dignai-Vos glorificar o Vosso Servo e concedei-me por sua intercessão o favor que vos peço.

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que esta oração não tem qualquer finalidade de culto público e que, na interpretação das graças e da santidade do Servo de Deus, em nada se pretende antecipar o juízo da Santa Igreja.

A quem obtiver graças por intermédio do Servo de Deus Isidoro Zorzano, roga-se o favor de enviar uma nota descritiva ao seguinte endereço:

Revmo. Dr. Manuel Corrêa
Av. Prof. Alfonso Bovero, 175
São Paulo, 5

Estas notas devem ser muito pormenorizadas, incluindo ordinariamente nome, sobrenome e endereço, embora se guarde o incógnito, se assim se desejar, ao publicar-se nesta Fôlha a notícia correspondente.

O mesmo endereço pode ser utilizado por quem quiser enviar algum donativo para o processo de Beatificação e Canonização, ou para auxiliar as obras de apostolado em que trabalhou o Servo de Deus.

Esta Fôlha publica-se também em alemão, espanhol, francês, inglês e italiano.



Isidoro Zorzano nasceu em Buenos Aires a 13 de setembro de 1902. Fêz os estudos secundários em Logroño (Espanha). Durante os anos de 1920 a 1927, estudou na Escola Especial de Engenheiros Industriais de Madri. A 24 de agosto de 1930 ingressou no Opus Dei, que então estava nos começos, e que mais tarde, a 24 de fevereiro de 1947, recebeu o "Decretum Laudis" da Santa Sé. De 1928 a 1936 exerceu em Málaga a sua profissão de Engenheiro na Companhia das Estradas de Ferro Andaluzas. De 1936 a 1939 viveu em Madri, exercitando com seus irmãos e com todos a sua caridade heróica e o intenso apostolado de seu exemplo e de sua alegria, em meio de grandes privações e dificuldades. Até o final de sua vida, prestou seus serviços nas Estradas de Ferro do Estado. No dia 15 de julho de 1943, morreu Isidoro.

**Fôlha informativa
sôbre a vida
e fama de santidade
do servo de Deus**

ISIDORO ZORZANO

**Engenheiro mecânico
membro do Opus Dei**

São Paulo, setembro de 1967

N.º 3

Um Carisma de Normalidade

(I)

HOJE teria sessenta e quatro anos. Seria ainda um engenheiro afável, discreto, trabalhador, e seu nome seria apenas conhecido pelo círculo restrito dos amigos, dos colegas e daqueles que tivessem tido contato pessoal com êle. Mas as coisas, por vêzes, encaminham-se de modo imprevisível. As pessoas vivem, sofrem, alegram-se, lutam, deixam passar os dias, ignorando muitas vêzes o cunho que define a nossa passagem apressada sôbre a terra, até que, de repente, a vontade de Deus — por vêzes suavemente, outras vêzes com uma insistência e uma dureza não menos paternas — toca numa alma e muda a direção da sua existência. Assim foi na vida de Isidoro Zorzano. Tinha nascido em Buenos Aires no dia 13 de Setembro de 1902, sendo o terceiro de cinco irmãos. Contava três anos quando seus pais — emigrantes da América — regressaram à sua terra natal, Espanha, com tôda a família. A intenção do senhor Antônio Zorzano, pai de Isidoro, era bem definida: seus filhos deviam estudar na Espanha para se ocuparem depois, uma vez regressados à Argentina, da atividade comercial da família.

Mas a morte do pai não permitiu a realização do projeto e os Zorzano estabeleceram-se na Europa. Decorreram os anos da infância e da primeira juventude. Isidoro Zorzano teve de superar várias dificuldades, mas finalmente ingressou na Escola Especial de Engenheiros Industriais, de Madri. Quando em 1927 completou os seus estudos, parecia que o caminho da sua vida se tinha estabilizado de nôvo. Estêve primeiramente em Matagorda, nas proximidades de Cadiz, trabalhando nos estaleiros da Sociedade Espanhola de Construções Navais; depois fixou-se em Málaga, onde trabalhava na Companhia das Estradas de Ferro Andaluzas. Morava numa modesta pensão e sua vida decorria sem complicações.

Mas Deus tinha disposto os acontecimentos de diversa maneira. Naqueles mesmos anos nascia o Opus Dei e o Senhor desejava que Isidoro se lhe entregasse completamente, e chamou-o à santidade no âmbito dos seus deveres profissionais, sem o tirar do lugar que ocupava na sociedade. Talvez tivesse existido nêlê algum pressentimento dêstes fatos ou talvez não. Mas desde o primeiro momento da sua vocação, naquele dia de Agosto de 1930, Deus foi tudo para Isidoro. Naquela altura compreendeu bem uma realidade muito simples, mas muito esquecida: o Senhor nos ama como um pai, e não é verdade que esteja num lugar longínquo, aparentemente afastado das nossas coisas; pelo contrário, encarnou por amor, morreu por amor, e — sempre por amor — devemos responder à sua chamada. O Opus Dei significa para Isidoro — desta vez como caminho definitivo — uma outra direção na sua vida. E isto, não porque devesse abandonar a profissão que exercia, não porque fôsse obrigado a esquecer tudo aquilo que até então tinha formado parte da sua existência, mas porque, desde aquêlê instante, tudo se tinha revestido de um significado nôvo. Não tinha de abandonar a sua profissão, pois, muito pelo contrário, o Senhor o queria aí, no seu lugar de simples engenheiro, completamente d'Ele e ao mesmo tempo totalmente secular; devia dedicar-se de corpo e alma à santidade e ao apostolado através do exercício normal da sua profissão.

Isidoro propôs-se realizar a função do fermento na massa. E realizou-a. Serenamente, sem ruído — não era homem de muitas palavras — tinha conquistado o afeto dos colegas e dos operários. Alguma coisa nêlê, difícil de definir, atraía os amigos, embora êle nada de especial tivesse, em comparação com os outros, a não ser o facto de estar sempre cheio de uma alegria e de uma paz que não eram comuns. "A nossa missão — dizia Mons. Escrivá de Balaguer — é sermos testemunhas de Jesus Cristo: conviver, compreender e, sem sermos nem parecermos mestres, mas como amigos e companheiros, ensinar a lutar e a vencer na vida interior".

Eram anos difíceis aquêles. Quase ininterruptamente surgiam conflitos sindicais que davam lugar a desordens na ruas. Não era freqüente que os operários olhassem com simpatia para os seus superiores. Com Isidoro, porém, era diferente. "É um companheiro como os outros — explicava um dêles —; nunca trata mal a ninguém e por isso gostamos dêle". Não faltou, no entanto, quem o ameaçasse por causa das suas convicções católicas, mas Isidoro não perdeu por isso a sua paz. Por cima dos perigos sabia olhar com confiança para o futuro. Não era um herói nem um super-homem; sua atitude era a consequência de um dom que Deus concede aos que n'Ele confiam. "A vontade de Deus — tinha êle escrito naqueles dias a um amigo — nos dará sempre tudo o que é melhor, muito embora isto (a guerra civil) possa ser ou parecer-nos contrário às nossas legítimas expectativas".

Hoje, quando tentamos explicar o seu comportamento, somos obrigados a pensar que uma vida como a sua não teria sido possível sem um constante espírito sobrenatural, sem uma dedicação fiel ao serviço de Deus e da sua Igreja, que constituísse a pedra angular de sua vida, plenamente secular, mas entregue ao Senhor e às almas no meio do mundo e no exercício da sua profissão, fazendo a Obra de Deus e sendo êle mesmo Opus Dei. Ninguém pode estar à altura das circunstâncias, quando estas são graves, se antes não tiver tido perseverança e fortaleza nas coisas pequenas e obscuras. Isidoro estava convencido disto e, perante o ambiente daqueles tempos, sabia também que nós,

Não sejas . . . bobo; é verdade que fazes o papel — quando muito — de um pequeno parafuso nessa grande emprêsa de Cristo.

Mas, sabes o que significa o parafuso não apertar o suficiente ou saltar fora do seu lugar? Cederão as peças de maior tamanho, ou cairão sem dentes as rodas.

Ter-se-á dificultado o trabalho. — Talvez se inutilize tôda a maquinaria.

Que grande coisa é ser um pequeno parafuso!

os católicos, temos o direito — com tôdas as responsabilidades próprias de um dever — de intervir na vida pública, dado que não podemos alhear-nos de um contexto social onde se agita o problema da aceitação ou não aceitação do reino de Deus no âmbito da sociedade.

Devemos estar presentes no próprio centro de cada um dos problemas dos nossos dias, para lhes dar forma e espírito cristãos. É preciso servir a Igreja e as almas; não servir-nos delas. Assumir uma atitude de inibição significa converter-se, do modo mais triste e mesquinho, em colaboradores do mal. E Isidoro respondeu com fatos àquilo que lhe pedia a sua vocação cristã e laical, tanto em Matagorda como em Málaga e, mais tarde, em Madri.

Foi professor de Matemática superior e de eletrotécnica, tesoureiro do Sindicato local de formação profissional de Málaga, professor numa escola para jovens desencaminhados (onde freqüentemente Isidoro servia à mesa), e ainda, em Málaga, presidente honorário da Federação de estudantes católicos. Teria podido evitar essas complicações, mas êle tinha consciência de que é necessário estar presente no interior das estruturas sociais do nosso ambiente. De resto, como sucede, aliás, com a maior parte dos cidadãos, que se limitam a cumprir os seus deveres e a exercitar os seus direitos, Isidoro, embora tivesse essa possibilidade, nunca se ocupou de questões de política ativa. Era livre e desenvolveu livremente a sua atividade.

J. L. Sória

CAMINHO, Escrivá, n.º 830

GRAÇAS OBTIDAS POR SUA INTERCESSÃO

A partir da morte do Servo de Deus, têm-se obtido, por sua intercessão, numerosas graças, muitas delas verdadeiramente extraordinárias. Em diversas ocasiões e em circunstâncias diferentes, grande número de pessoas tem recorrido com fé a Isidoro, pedindo-lhe ajuda para a solução de problemas espirituais e materiais de todo os gêneros.

Todos os que invocaram o seu nome, em sofrimentos e doenças, em contradições e problemas encontraram a fortaleza para o espírito e, em grande número de casos, a satisfação dos seus pedidos.

A confiança na eficácia da intercessão de Isidoro tem aumentado entre pessoas de tôdas as classes sociais e tem-se estendido por muitos países.

Publicamos a seguir algumas das muitas graças cuja obtenção tinha sido pedida ao Servo de Deus.

nha filha mais velha, formada em Geografia há alguns anos, vinha desejando uma colocação, mas estava encontrando dificuldades para a conseguir. Fiz uma novena ao Servo de Deus, pedindo que nos ajudasse. Logo depois, por intermédio de uma amiga, conseguimos chegar ao professor da matéria, que a recebeu muito bem, convidando-a para trabalhar num dos departamentos de Geografia da Cidade Universitária. Ela está muito

satisfeita e eu mais ainda. Todos os dias agradeço a Isidoro por ter pedido a Deus por nós. M.A. — São Paulo.

Tenho 25 anos e sou estudante do 4.º ano da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Nos primeiros dois anos fui bom aluno na Faculdade, mas fiquei cansado, esgotado, e via dia a dia que meus objetivos finais estavam distantes. A isso acrescentava-se a responsabilidade perante a família,

UM AMIGO DE ISIDORO

Era uma tarde brilhante de primavera quando começou a rugir o bombardeamento. Quase às minhas costas ruiu um edifício, e de repente me encontrei, por êsses azares agitados pela lei da conservação, acurrado num porão próximo onde já se encontravam outras pessoas. Êle chegou uns momentos depois acompanhado por um moleque que recolhera na rua e que tremia de medo.

— Não se preocupe. Não é nada. Tinha um sorriso tão particular, seu tom de voz e seus modos uma suavidade tão profunda, que conseguiu imediatamente tranqüilizar o pequeno e todos os que presenciávamos a cena.

Eu não era crente naquela altura, nem o sou agora. Talvez por isso não liguei a sua serenidade a um valor ultra-terreno. Naquela tarde conversamos um pouco, e depois acompanhei-o durante uns minutos, enquanto êle levava o rapaz para casa.

Voltei a encontrar-me outras vezes com êste singular amigo que tão profunda impressão me causara.

Mais tarde, terminada a guerra, êle voltou à sua vida de sempre. Um pouco mais pálido, talvez. Uma tarde, perguntei-lhe pela saúde: "A minha saúde? Meu caro amigo — respondeu-me —, a minha saúde não vale um centavo. Sabe que todos os médicos me condenaram à morte?"

Fiquei de respiração cortada. Abordou o assunto com uma tal simplicidade, que eu não soube o que dizer.

Nos começos de 1943, numa fria manhã de inverno, tornei a vê-lo no centro da cidade e entramos num café para conversar um pouco. Disse-me que não duraria mais de um ano: "Gostaria de rever Buenos Aires. Mas é tarde."

No dia 15 de Julho de 1943, faleceu.

Cinco anos depois, surpreendi-me profundamente ao ler num diário que se tinha iniciado em Madri o processo de beatificação do Servo de Deus Isidoro Zorzano.

Compreendi intimamente aquela aura estranha que envolvia a personalidade daquele homem. Não era a sua fronte elevada, o seu olhar claro, a sua imperturbável serenidade. Nem a bondade, a sua infatigável atividade, a sua resignação ante a morte.

Era essa atmosfera imaterial que o rodeava e que emanava dêle. Seriam assim os santos da Igreja? Não sei. Repito que não sou crente e que nenhuma fé ou outro sentimento de ordem intelectual ou espiritual influiu nas minhas relações com Isidoro.

É uma coisa que me preocupou muito desde então, e com freqüência me faz refletir, o encontro com aquêlê engenheiro destinado, ao que parece, a integrar o santoral da Igreja.